

119 Oposição critica a arrogância

Entrevista, afirmam, mostra diferença entre presidente e sociólogo

JORGEMAR FÉLIX E
LUIZ ORLANDO CARNEIRO

BRASÍLIA — As declarações do presidente Fernando Henrique Cardoso na revista *Veja* desta semana provocaram reações de indignação na esquerda brasileira. A oposição rejeitou as críticas feitas pelo presidente numa de suas mais detalhadas entrevistas desde que assumiu o cargo.

Nela, o presidente define o espírito de seu governo e conceitua seu projeto de país. No capítulo dedicado à esquerda, Fernando Henrique afirma que a oposição é que é neoliberal e diz que a esquerda — segundo o conceito clássico — é ele, que propõe reformas para avançar.

Os políticos da oposição acusaram Fernando Henrique de arrogante, contraditório e esquizofrênico. Mas elo-

giaram sua capacidade de diagnosticar com precisão a conjuntura socio-política do Brasil e do mundo.

O senador Roberto Freire (PPS-PE), citado pelo presidente como o único crítico inteligente do governo na esquerda, vê uma grande contradição entre o discurso do sociólogo e a prática do governo. “Como intelectual continua lúcido e progressista, mas há uma contradição do que ele elabora como sociólogo e o que faz como presidente”, disse Freire.

“Precisamos cooptá-lo”, disse o ex-ministro Ciro Gomes, um dos maiores opositores do governo e presidencialista para a eleição de 1998, que leu a entrevista de 12 páginas junto com Roberto Freire e gostou do que estava escrito.

Na entrevista, o presidente Fernando Henrique acusou o Partido dos Trabalhadores de atrasado e de perder “os ares dos tempos”. Fernando Henrique defendeu que os partidos de esquerda deveriam lutar para radicalizar a democracia, mas estão presos a velhos

conceitos e impedem as mudanças que permitiram ao Estado oferecer bem-estar social a todos os brasileiros.

Edital para urna eletrônica — O Tribunal Superior Eleitoral lança, hoje, o edital dando início ao processo de licitação que vai escolher a empresa responsável pela produção de 67 mil urnas eletrônicas a serem utilizadas nas eleições gerais do próximo ano, quando serão escolhidos, além do presidente da República, governadores, senadores, deputados federais e estaduais.

Além de fabricar as novas máquinas de votar, a empresa vencedora da concorrência terá de adaptar as 78 mil urnas eletrônicas que foram utilizadas por 32% do eleitorado nas eleições municipais do ano passado.

Nas próximas eleições, 145 mil urnas eletrônicas serão utilizadas por mais de 51 milhões de eleitores, em 249 municípios do país que têm mais de 52 mil votantes.

Segundo técnicos da Secretaria de Informática do TSE, o processo licita-

tório levará de 3 a 4 meses. Em dezembro, quando se espera já estar definida a vencedora da licitação, terá de ser confeccionado e entregue ao tribunal um primeiro computador, chamado de “cabeça de produção”.

O modelo passará por testes e, sendo aprovado, as urnas começarão a ser fabricadas a partir de janeiro.

Os gastos do TSE com o voto informatizado, este ano, giram em torno de R\$ 72 milhões. Há ainda a necessidade de uma verba adicional de R\$ 130 milhões, a ser liberada pelo Executivo no início do ano que vem.

Amanhã, em Belo Horizonte, o diretor-geral do TSE, Ney Natal, abrirá uma reunião com os secretários de Informática dos 27 tribunais regionais eleitorais, para discutir “todos os detalhes relacionados ao suporte operacional de informática”.

Nas eleições do ano passado, menos de 1% das urnas eletrônicas, fabricadas pela Unisys, que derrotou a IBM na concorrência, apresentaram problemas.